



ARKA, O BARCO DA PAZ



O ntem, Brasília viveu um festival diferente — daqueles que não se explicam completamente, mas se reconhecem no corpo de quem esteve presente.

Havia um clima raro no ar. Uma espécie de silêncio vivo, como se a cidade, por algumas horas, tivesse decidido escutar.

À beira do Lago Paranoá, a ARKA não aconteceu como um evento. Foi uma travessia.

As pessoas chegavam devagar, como quem intui que certos encontros pedem presença inteira. No horizonte, a Ermida Dom Bosco lembrava que aquele território já havia sido sonhado — e, talvez, ontem, esse sonho tenha voltado a respirar.

A abertura com as lideranças indígenas Álvaro Tukano e Naiara Tukano não foi apenas uma fala, mas um retorno. Trouxeram a cosmologia do povo Tukano, em que a humanidade chega à Terra pela cobra-canoa — mito de origem e de transformação.

A imagem atravessou o imaginário coletivo como uma memória antiga sendo reativada: estamos todos na mesma travessia.

Ao longo do dia, experiências profundas foram sendo oferecidas com naturalidade.

A cerimônia do cacau, conduzida por Adriana Castellanos, abriu espaços internos com delicadeza. Houve silêncio, lágrimas discretas, respirações profundas. Nada precisava ser explicado. Cada um acessava à sua maneira.

Quando Mãe Neuma trouxe a força da matriz africana, o tempo pareceu se reorganizar. Era o Brasil de ontem e de hoje coexistindo — ancestral e presente, pulsando no mesmo ritmo.

A música, a dança e os encontros dissolveram fronteiras invisíveis. Já não havia separação entre culturas, saberes ou pessoas. Havia reconhecimento.

Como células de um mesmo corpo, lembrando que pertencem. A música de Alisson Sindeaux costurou o ambiente com sensibilidade. Rebeca Deusa expandiu o espaço: dançar deixou de ser performance para se tornar expressão viva, quase uma reorganização interna.

E as pessoas dançaram.

Sem palco.

Sem plateia.

Sem personagem.

Ao longo da tarde, sementes foram distribuídas, alimentos arrecadados, ideias compartilhadas. Nada como obrigação — tudo

como consequência natural de um estado de presença.

A programação seguiu integrando arte, consciência e ação. Houve música, dança, momentos de celebração e reflexão sobre natureza, regeneração e pertencimento. O lago deixou de ser cenário para se tornar experiência: um convite a uma relação mais íntima e respeitosa com o ambiente.

A chamada “festa-rito” trouxe essa síntese — encontro entre celebração e significado. A participação de Rapadura reforçou a potência social e ambiental do Nordeste em forma de música.

Projetos de impacto também tiveram voz: o Movimento Regenera, com propostas de tecnologia regenerativa; iniciativas de reflorestamento no DF; e ações como o Arte da Positividade, levando alimento e cuidado a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Quando o Sol começou a se pôr, ninguém teve pressa de ir embora.

Algo havia sido realinhado.

E talvez seja isso que a ARKA veio lembrar:

Regenerar não é criar algo novo.

É parar de esquecer.